

AS HORAS CLARAS

Alonso Alvarez

AS HORAS CLARAS

FICÇÕES

Copyright © Alonso Alvarez

Projeto gráfico Alonso Alvarez

Revisão Rafael Barbosa / Silvana Seffrin

Ilustração da capa Marcelo Cipis

*Grafia segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.*

As situações e os personagens desta obra são ficcionais.

Projeto realizado com o apoio do Governo do Estado de São Paulo,
Secretaria da Cultura, Programa de Ação Cultural 2011.

Cip-Brasil. Catalogação-na-Fonte
Sindicato Nacional Dos Editores De Livros, Rj

A474h

Alvarez, Alonso, 1956-

As horas claras / Alonso Alvarez. - São Paulo : Ficções Editora Ltda, 2012.
224p. : 21 cm

Índice

ISBN 978-85-62226-16-8

1. Astronomia - Literatura infantojuvenil. 2. Literatura infantojuvenil
brasileira. I. Título.

12-7689.

CDD: 028.5

CDU: 087.5

22.10.12 29.10.12

040065

2012

Direitos de publicação reservados à

FICÇÕES EDITORA LTDA.

rua Corrêa Galvão, 57

01547-010 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3881-4094

www.ficcoes.com.br

editora@ficcoes.com.br

Para Christiane, Isadora e Rafael.

Sumário

9

As horas claras

213

Breve apresentação dos personagens principais aproveitada
de um bate-papo de Clara com a amiga Lu

221

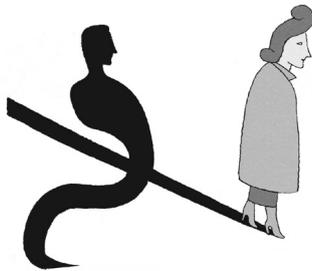
Notas

Um livro surge de outros livros

223

O autor

AS HORAS CLARAS



Quando Clara entrou no apartamento, na sua primeira visita, não ousou se aproximar da janela da sala que estava aberta. Seus pais conversavam na cozinha com o zelador, que relatava algum problema na torneira da pia e cochichava algo como se quisesse guardar algum segredo da menina, que ficou na sala, parada a três passos da janela, sem coragem de se aproximar dela, mas deixando-se banhar com a brisa que invadia aquele apartamento vazio, com uma ou outra barata morta no chão, pequenas teias de aranhas abandonadas nos cantos do teto e um bico de luz sem lâmpada.

Clara girou apenas a cabeça para olhar ao redor. Com a brisa, vinha o barulho da cidade naquele final de tarde, e, se seus pais demorassem muito, ela pensou, todos ali ficariam no escuro, pois a energia elétrica estava cortada, e isso o zelador logo avisou quando abriu a porta do apartamento, que era bem espaçoso, com três quartos, duas suítes, um pequeno escritório, um corredor largo – que a mãe logo definiu que seria onde ficaria a estante com os livros e os quadros com fotos da família – e mais um lavabo, duas salas, a cozinha com copa e uma bem ajeitada área de serviço.

Seus pais voltaram da cozinha e seguiram até a janela da sala, puxando Clara, que resistiu e soltou-se das mãos deles, e ficou onde estava, sem o frescor da brisa que agora se desviava por causa dos corpos de seus pais que se enfiaram na janela, debruçados no parapeito, maravilhados com a altura e a vista oeste da cidade, com prédios, prédios e mais prédios, com antenas, antenas e mais antenas. E ela viu que sua mãe adorou a paisagem e seu pai concordou com ela, apontando algo no horizonte que Clara não teve a mínima vontade de saber o que era. Cansada, sentou-se no chão de madeira empoeirado e aí descobriu que havia mais que duas baratas mortas pela sala. Ao lado de uma folha de jornal amassada, jogada perto da entrada do corredor que dava para os quartos, mais duas outras baratas estavam sem vida, com suas barrigas ressecadas para cima e pedaços de patas ainda presos aos corpos, tão secas e estorricadas que, se alguém as tocasse com os dedos, esfarelariam. Ela arrastou-se até perto delas, não para pegá-las nem apertá-las, mas para alcançar a folha de jornal. Com ela nas mãos, desamassou-a.

Era uma primeira página de um jornal da cidade. Datava de 24 anos atrás, o que deixou Clara intrigada e curiosa. Ela olhou com atenção cada manchete e deteve-se em uma sobre a passagem do cometa Halley no céu da Terra – tinha a frase grifada com caneta azul por alguém que certamente guardara aquela página por algum motivo:

“O próximo periélio do cometa Halley será em 2061”

Raramente ela encontrava a palavra *periélio* por aí, e ficou feliz de encontrá-la no chão da sala de seu novo lar. Quando leu a manchete, ela já sabia que periélio é o ponto de menor afastamento de um astro em torno do Sol. Fez as contas

de cabeça e logo imaginou que ainda poderia estar viva quando o cometa voltasse para passar por perto da Terra – estaria com 65 anos, se o aquecimento global não acabar com a vida no planeta antes disso, pensou. Talvez, pensou eufórica, no futuro possamos viajar ao espaço, como ir ao cinema. Olhou para os pais debruçados na janela e depois para as baratas secas no chão. Sentiu um frio no estômago só de se imaginar dentro de uma astronave no espaço. Mas, até lá, pensou esperançosa, a vertigem será curada com apenas um comprimido. Deu de ombros.

Seus pais conversavam na janela. O zelador, com uma vassoura e uma pá de plástico, retirava as carcaças secas das baratas mortas espalhadas pelo apartamento. Deveria ter feito isso duas semanas antes, quando seus pais passaram por lá para fechar a compra do imóvel. Ele, enquanto varria, desculpava-se com a falta de tempo e o esquecimento.

Clara olhava por cima da folha de jornal o esforço do Sr. Carlos, o zelador, um pouco gordo, se agachando para recolher os insetos que se esfarelavam só de ele varrer com a piaçava. Ele reclamava, pois a brisa espalhava os restos das baratas pelo apartamento, deixando o seu serviço mais difícil.

Clara dobrou a folha de jornal e guardou no bolso da calça. Levantou-se e entrou no corredor para olhar o quarto que seria seu.

Ao entrar no cômodo de vinte metros quadrados, logo viu a decoração que a sua mãe já definira quando passara por lá alguns dias atrás, para acertar detalhes da mudança e da decoração. Sim, Clara constatou, era exatamente como a mãe descrevera e desenhara, podia ver cada detalhe: a sua cama, a pequena mesa ao lado dela com abajur, o relógio e a única gaveta onde guarda o livro que está lendo, caixas de remédio homeopáticos e florais, canetas e lápis, moedas, cliques, folhas,

pétalas, pedras. A cabeça da cama ficaria posicionada para o sul, pois a mãe sempre seguia as orientações do *feng shui*; dessa forma, quando deitada, a janela ficaria à sua esquerda, afastada dela por uma estreita passagem. No outro lado, ao norte, o armário, e na parede ao lado, à direita, a porta do banheiro, e no outro extremo, a porta do quarto.

O seu novo quarto tinha bom espaço. Não era maior do que o da outra casa; casa mesmo, com quintal e jardim, gente tocando para oferecer bíblias, detergente, pão, bananas, propaganda. Agora, seria a primeira vez que Clara moraria em um apartamento, e no 9.º andar.

Entre a porta do banheiro e a porta do quarto, ela mediu quase três passos bem largos. Daria para colocar a mesinha de estudos com o computador. Por sorte, era um lugar que tinha tomada, e isso a sua mãe já tinha observado no seu projeto de ocupação e decoração do novo lar. Clara logo descobriu que prédios antigos ofereciam poucas tomadas nos cômodos. Com o tempo, a tecnologia foi entrando nos lares com fome de muitas tomadas, espalhando aparelhos por todos os lados: estabilizadores, carregadores de câmaras digitais e de celulares, impressora, computador. A sua mesa teria que ficar ali, o segundo lugar no quarto com tomada; o outro estava reservado para o abajur ao lado da cama.

De pé, no centro do quarto, imaginou como ele ficaria com as suas coisas, e gostou. Viu, na sua imaginação, que poderia ficar sentada na cama enquanto fuçava no firmamento com o seu telescópio. Percebeu que daria para usar a sua mesinha portátil de observações astronômicas para apoiar a luneta e fazer as anotações no seu caderno.

Olhou ao redor, procurando espaço para a sua estante de livros e revistas. O guarda-roupa tomava conta de toda a parede norte. Aproximou-se dele e abriu a porta que ficava próxima

ao banheiro e logo teve a ideia de que usaria as suas prateleiras para guardar os livros. Ficaria ótimo, e até sobraria espaço!

Não se aproximou da janela, mesmo fechada com o vidro. De onde estava, a dois passos, podia ver o que acontecia lá fora, àquela altura, cerca de trinta metros, calculou, assim por cima, só de olhar para o pé direito do apartamento e multiplicando a altura estimada de três metros por nove andares, mais a portaria. Só de imaginar essa altura toda, sentiu tontura.

A janela era grande, emoldurando um bom pedaço da cidade. Do outro lado da grande avenida, avistavam-se outros prédios, com janelas abertas e fechadas. Em algumas, podia observar, forçando a vista, o cotidiano das pessoas que habitavam aqueles apartamentos. Pensou que certamente seria observada da mesma maneira, bastando alguém forçar a vista ou colocar os olhos atrás de um binóculo ou uma luneta.

Ela tinha um telescópio. Imediatamente, o seu olhar se levantou acima dos prédios do outro lado da grande avenida e logo se perdeu no céu que começava a escurecer. Então se alegrou ao se dar conta de que ali, naquele 9.º andar, estaria mais perto da Via Láctea, da Lua, dos planetas, das estrelas, das galáxias... Do firmamento! Avançou mais um passo para ver quanto de céu teria acima dos prédios do outro lado da avenida. Deu para ver que era muito, pois, descobriu, o prédio estava em um dos pontos mais altos da cidade, elevando em muitas vezes a altura da sua janela. Mas observou tudo isso a partir de uma distância segura; nem pensar em se aproximar do parapeito.

Despertou desses pensamentos quando o zelador, já com seus pais no quarto deles, contíguo ao dela, comentava sobre a inexistência do 11.º andar no prédio. Mas a sua mãe nem deu ouvidos e até comentou que isso não faria diferença alguma, e encerrou o assunto, preocupada que estava com a

quantidade de baratas mortas pelo apartamento. Ela queria saber, com detalhes, tudo sobre a coleta do lixo, sobre os vizinhos, sobre a faxina do prédio, sobre as lixeiras desativadas, sobre a fiscalização sanitária, sobre as reuniões do condomínio, sobre o síndico... Seu pai mostrava-se cada vez mais satisfeito com o apartamento, com o espaço, andando e contando passos, imaginando que todos os móveis se encaixariam no novo lar, cheio de ideias para as quais a mãe dela quase sempre não dava a mínima.

Curiosa, Clara pensou em aproximar-se da janela para ver o andar que não existia, já intrigada com a revelação do zelador, afinal, como um andar inteiro deixara de existir num prédio? Mas olhar para cima, apoiando-se no parapeito, nem pensar, e recuou da curiosidade.

Já quando estavam na sala, o zelador então, olhando e apontando para o teto, revelou algo que deixou a mãe bastante preocupada, a ponto de cruzar os braços e acompanhar a revelação do zelador, que, ainda olhando para cima, contou que eles morariam sob uma biblioteca labiríntica (não usou exatamente esse adjetivo, mas deu a entender que o lugar era sem fim), que era de um velho cego, o Sr. Jorges, que comprara o andar inteiro quando o prédio foi construído e que todos os lugares, mas todos mesmo, incluindo os banheiros, lavabos, cozinha, eram forrados, do chão ao teto, de estantes cheias de livros; que ele já entrara lá umas três vezes e custou para achar o caminho de volta.

– E o que um velho cego faz com tantos livros? – quis saber a mãe, boquiaberta e já perturbada com a revelação.

– Não me pergunte – respondeu o zelador. – Mas ele é muito querido aqui no prédio e deixa a porta aberta para quem quiser entrar na biblioteca... – fez uma pausa misteriosa e terminou: – Mas poucos se atrevem...

– Por quê?! – não entendeu a mãe.

– Além de uma turma de meninos e um cachorro, quase ninguém entra lá, pois contam que algumas pessoas se perderam naquele lugar e foram encontradas semanas depois delirando e recitando versos de um tal Dante...

– E isso tudo sobre o nosso teto?! – horrorizou-se a mãe, olhando para cima. – Quer dizer que vamos viver sob um monte de livros velhos, cheios de traças e fungos? Meu Deus! O que será da rinite de Clara?!

– Talvez não seja tão ruim assim... – comentou o pai, um pouco distraído, debruçado no parapeito da janela, admirando a vista.

Clara não tirava os olhos do teto, maravilhada com a revelação do zelador, tentando imaginar sob que estantes de livros ela estaria... E só baixou os olhos do teto quando o zelador fez outra revelação, apontando para ela:

– E esses meninos que vivem na biblioteca do Sr. Jorges têm mais ou menos a mesma idade da sua filha...

– Só me faltava mais essa! Descobrir que temos um depósito de livros sobre nossa casa, infestado de pó, traças e fungos, e que é visitado por um bando de moleques que têm “mais ou menos” a idade da nossa filha! Meu Deus! Será que fizemos um bom negócio, querido?

Mas o pai de Clara estava longe daquela preocupação, maravilhado com o visual além da janela, com o olhar perdido no horizonte.

Clara achou melhor se afastar dali e voltou para o seu quarto, olhando para o teto, tentando imaginar sob que estantes de livros ela estaria caminhando e já não via a hora de se perder naquela biblioteca. Ainda nem tinha mudado para lá e já estava adorando o novo lar. Respirou fundo e pensou: “Que se dane a rinite!”

A noite barulhenta invadia o apartamento. As luzes da cidade pipocavam por todos os lados. O trânsito perdia a paciência e reclamava com buzinas, freadas e sirenes estridentes. O zelador, mal iluminado com a luz que vinha de fora, fechou a janela da sala. E todos saíram.

No corredor, algumas luzes estavam acesas, e o zelador aproveitou ali mesmo para anotar num caderninho que tinha encontrado uma lâmpada queimada, para não esquecer de trocá-la. Quando passaram por debaixo dela, Clara descobriu a Lua cheia surgindo por detrás de um prédio que ficava logo depois do prédio onde moraria. O extenso corredor tinha uma sacada com uma mureta em toda a sua extensão, interrompida apenas pelos dois elevadores e a entrada e a saída da escadaria, ao lado deles. Encostada na parede dos apartamentos, longe da mureta, Clara ficou olhando a Lua, imaginando sua trajetória, e que a encontraria quase todas as madrugadas na janela do seu quarto.

E sorriu para a primeira amizade que acabara de fazer no novo lar.

2

O caminhão com a mudança chegou cedo no sábado. Como não havia estacionamento no prédio, tudo deveria ser feito pela portaria, utilizando o elevador de serviço, já preparado com as proteções almofadadas. E assim começaram as viagens para o 9.º andar.

Na frente do elevador, uma imensa fila de coisas foi se fazendo conforme os entregadores iam deixando no chão o que retiravam do caminhão-baú. O pai de Clara cuidou de ficar na calçada, observando o trabalho dos entregadores e procurando orientar o despacho das coisas que subiam para o apartamento. A mãe dela ficou no apartamento recepcionando cada entrega,

apontando lugares, exigindo cuidados, reclamando dos descuidos, desesperando-se com quedas de caixas, carregando os objetos mais caros e raros pessoalmente.

Clara ficou espiando a mudança. Sua mãe a queria longe do pó por causa da rinite. Sentou-se nos degraus da escada na entrada do prédio a observar os entregadores fazendo força, carregando mesas, cadeiras, eletrodomésticos, camas, abrindo caixas de papelão, ao mesmo tempo em que se divertiam recordando momentos de um jogo de futebol na noite anterior.

Lupicínio, o cachorro de Contra, um dos meninos que morava no prédio, ao contrário do que diz o ditado, não estava nem um pouco perdido e, deitado na portaria, acompanhava o movimento com algum desdém, cuidando para não atrapalhar o entra e sai dos entregadores. O zelador chegou a brincar com ele que do caminhão de mudança pularia uma cadela *poodle*. Ele sabia que Lupicínio detestava *poodles* e que a brincadeira o irritava, por isso Lupicínio nem percebera a nova moradora sentada na escada, num canto. Cansado da brincadeira sem graça do zelador, resolveu subir, ir para o terraço, longe daquela bagunça na entrada do prédio, e não hesitou em pegar carona no elevador de serviço que subia carregando uma poltrona; pulou nela e ajeitou-se, sem qualquer cerimônia.

O elevador iniciou a viagem, levando os dois entregadores, a poltrona, e Lupicínio deitado nela.

Quando a porta abriu no 9.º andar, a mãe de Clara deu de cara com o cachorro deitado na sua poltrona; ele, apenas encarou-a e abanou o rabo, educadamente. Ainda estava longe do terraço, mas não achou nada demais abusar da gentileza dos entregadores e esperar ser carregado com a poltrona até o corredor para então saltar e pegar o outro elevador.

Diante da folga do cão, a mãe de Clara começou a berrar:
– O que esse cachorro pulguento está fazendo deitado na minha poltrona Tok?! Quem deixou esse animal subir na minha poltrona Tok?! Cadê o síndico? Chamem o síndico! Tem um cão deitado na minha poltrona Tok!

Seus gritos ecoaram no prédio. Imediatamente, o zelador ligou para o síndico. Clara e seu pai, ouvindo os berros da mãe, correram para ver o que acontecera, subindo pelo elevador social.

Quando chegaram ao andar, encontraram Lupicínio rosnando, mostrando os dentes, ainda deitado na poltrona, incomodado com o escândalo histérico daquela mulher que ele nunca vira no prédio.

O pai tratou de acalmar a mãe de Clara:

– Querida, é apenas um cachorro! Deve morar aqui no prédio, deve ser de algum vizinho... Depois, basta passar um pano úmido e pronto, a poltrona fica limpa novamente.

Lupicínio ficou irritado com a sugestão do marido da mulher e continuou rosnando.

– Fica limpa novamente, é?! – berrava a mulher, desolada e furiosa ao mesmo tempo. – Nem limpando com álcool, deixando ao sol, as infecções possíveis nesse vira-lata já devem ter contaminado a minha poltrona Tok! O que fazer? Como viemos morar num lugar assim, onde se admite que animais utilizem o elevador... Cadê o síndico?! Chamem o síndico... – e com o dedo em riste, apontando para Lupicínio, gritou: – Saia imediatamente da minha poltrona Tok, vira-lata fedido e imundo!

Lupicínio detestava quando o chamavam de vira-lata! Sentia-se ofendido e discriminado. Levantou-se na poltrona e ficou de pé nas quatro patas, e começou a latir alto, muito alto, mostrando os dentes. Estava furioso, acuado e com raiva, muita raiva!

Clara, então, agiu rapidamente, aproximou-se dele e passou a mão na sua cabeça. Ele, imediatamente, calou-se e se acalmou. Ela o puxou para fora do elevador, tirando-o da poltrona. E, para acabar com a gritaria da mãe, puxou Lupicínio escada abaixo. Eles só foram parar de escutar os berros da mãe no 5.º andar, ela ainda reclamando do cachorro ao síndico, que tentava se desculpar do transtorno causado pelo animal, garantindo que o condomínio cuidaria da lavagem e desinfestação da poltrona. Clara teve dificuldades para segurar Lupicínio, pois o cão, ao escutar o síndico falar sobre desinfestar a poltrona, queria a todo custo voltar para latir poucas e boas para ele.

3

Clara e Lupicínio sentaram-se na escadaria do 5.º andar: ela sentada no penúltimo degrau para quem descia, e ele sentado no chão, de frente para ela, olhando-a sem parar e sem disfarçar uma paixão repentina, platônica, suspirando e, se ela pudesse escutar os seus pensamentos, escutaria ele pensando que aquele dia seria inesquecível, pois a mais bela de todas as meninas que já tinha visto na vida surgira do nada para salvá-lo de uma histérica – o que não precisaria, pensou também, pois sempre soube se defender em situações perigosas. Mas, ufa! Ela surgira, repentinamente, no meio daquela confusão, e passou a mão na sua cabeça, e o puxou, carinhosamente, da poltrona, e piscou para ele segui-la, e ele a seguiu, feliz da vida de ser salvo pela menina mais linda do mundo. Sim, pela menina mais linda do mundo!

Ela olhou ao redor e não podia imaginar que era naquele andar que Lupicínio morava. Mas ele tratou de atraí-la até o elevador social, e ela, não entendendo os latidos, achando

que ele queria levá-la para o seu dono, apontou o botão do 6.º andar, e ele latiu “Não!”, e ela continuou apontando: o 7.º, o 8.º, o 9.º, e no 10.º ele latiu feliz: “Sim!”

4

Sr. Jorge deixava a porta da biblioteca sempre aberta. Lupicínio entrou farejando. Alguns passos depois, olhou para Clara e a fez entender que ela deveria segui-lo.

E atravessaram salas e mais salas, todas elas com estantes do chão ao teto, forradas de livros, de todos os tipos de livros. Os corredores eram estreitos, e, em algumas passagens, ela precisava avançar de través, pois, dos dois lados, as estantes tomavam conta de todo o espaço, como se tivessem brotado das paredes e do chão, tal qual esse tipo de planta parasita, que cresce e cobre todo um muro.

Clara parava para ver algumas lombadas de livros, cada vez mais curiosa. Encantava-se a cada esquina naquele labirinto e nem passava pela sua cabeça que talvez não conseguiria voltar sozinha nem encontrasse a saída. Finalmente, estava dentro da biblioteca do velho cego que o zelador comentara, mas seguia o cão pelos corredores sem fim, por salas intermináveis, e na sua cabeça desenhava o trajeto, as direções, as voltas, e uma gigantesca dúvida: como aquele lugar imenso cabia num andar naquele prédio?

5

Encontraram o Sr. Jorge numa sala vazia e escura. Clara hesitou em entrar, mas como Lupicínio avançou, seguiu-o. Depois de passar por tantas salas, abarrotadas de livros, aquela sala sem nada parecia abandonada e solitária. Precisou esperar

alguns instantes para os seus olhos se acostumarem com o escuro. No entanto, a escuridão daquela sala deixava entrar um raio de sol por um furo em uma das paredes que projetava no chão uma oval de luz. E essa oval, ela logo descobriria, se movimentava no piso.

O Sr. Jorge, sentado numa poltrona, percebeu a presença dos dois.

– Sim, sim... O tempo humano não é o mesmo do tempo astronômico... – falou o velho, como se divagasse, e sua voz ecoou. – Esta sala escura é a única vazia em minha infinita biblioteca... No entanto, está cheia de uma verdade que desconcertou um grande erro...

Lupicínio latiu, confuso, não entendendo nada do que o velho dizia. E latiu mais uma vez como se quisesse apresentar a sua nova amiga. O velho cego sorriu e perguntou:

– Qual o seu nome, menina?

– Clara... Mas como o senhor sabia que eu era uma menina?

– O seu perfume...

Lupicínio latiu, concordando, abanando o rabo.

O velho sorriu e falou:

– “Como nos relógios de sol, eu só me lembro das horas claras.”¹

A menina sorriu.

6

Clara sentou-se no chão, ao lado de Lupicínio.

Aos poucos, o convívio com o escuro e com a fraca claridade do fio de sol que entrava pelo buraco projetando a oval de luz no chão fez Clara descobrir algumas coisas naquela sala. Uma rosa dos ventos desenhada no piso estava replicada

no teto da sala, onde se prendia uma espécie de ponteiro. As paredes à sua volta estavam pintadas com ilustrações meteorológicas.

– Esta sala é uma réplica da Torre dos Ventos. O projeto original desse relógio solar e os afrescos são de Egnazio Danti, que viveu no século XVI... – falou o velho cego, imaginando que a visão de Clara acostumara-se com o escuro da sala e que ela já podia enxergar alguns detalhes; ele continuou enxergando-os em sua memória: – Veja... Ao meio-dia, se vê o barco de São Pedro enfrentando as ondas... E apontou com precisão a gravura pintada no piso.

Clara girava o corpo no chão para ver todas as ilustrações.

De repente, o ponteiro se mexeu e apontou uma pintura na rosa dos ventos. Sr. Jorge sorriu ao escutar o barulho enferrujado da agulha de ferro.

– A seta aponta a figura de um anjo em pé, com uma manta vermelha, como se fosse alçar voo – observou Clara.

– Esse anjo anuncia a chegada do vento oeste... Sim, sim! Dos quatro grandes ventos, Zéfiro, o vento oeste, é suave e agradável. Teremos um dia de claro azul... – falou o velho, e levantou a mão direita apontando para o teto. – O ponteiro está preso a uma bandeirola que os ventos podem girá-la do lado de fora...

– Mas estamos num prédio – espantou-se Clara. – E disseram que este prédio não tem o 11.º andar...

O velho sorriu.

7

O Sr. Jorge quis saber mais sobre a nova moradora.

Clara contou que acabara de se mudar para aquele prédio, no 9.º andar. Que mal haviam chegado e a sua mãe já

havia feito um escândalo porque pegou o Lupicínio deitado na sua poltrona “Tok”, mas que ela era assim, cheia de assepsias e regras, mas era legal, como toda mãe. Que o pai cuidava de resolver tudo para que a mãe nunca ficasse chateada e que também era uma pessoa legal. Que não tinha irmãos e seus parentes mais próximos moravam numa cidade no sul do país, mas que ela nascera na cidade onde morava, num bairro da periferia. Que adorava astronomia e que, na casa que acabara de deixar para trás, passava as noites na janela do quarto a ver estrelas, planetas, asteroides, constelações, satélites e até óvnis e, é claro, que adoraria se perder em viagens espaciais pelo universo afora. Que gostaria de ser uma astronauta quando crescesse e, se desse tempo, de ser a primeira mulher a pisar em Marte. E que seu grande ídolo era Yuri Gagarin, o primeiro homem a dar uma volta na órbita da Terra, mas confessou, tristemente, que antes teria que sarar de uma doença, de um mal, que a impedia até de andar de roda gigante ou mesmo subir numa árvore: sofria de vertigem. E seus pais não sabiam disso ainda, pois, se soubessem, não a deixariam em paz, inventando todo tipo de exames e tratamentos. Mas, agora que viera morar num prédio, no 9.º andar, ficaria difícil de esconder deles.

O Sr. Jorge a escutava e já podia vê-la na sua imaginação: cabelos louros e compridos, soltos sobre os ombros, brincos brilhantes pequeninos, tiara fina e discreta, nariz pequeno, olhos azuis, tez clara, mãos compridas, magra, talvez com um pouco mais de um metro e meio de altura... E curiosa e atenta, que deixava escapar suas preferências e escolhas com naturalidade, mesmo sem ser indagada; gostava de falar.

– E o meu autor predileto, claro, é Julio Verne... Esbarrei em alguns livros dele na sua biblioteca enquanto vínhamos para cá.

Lupicínio a escutava, fascinado, abanando levemente o rabo.

Manhã de segunda-feira.

– Todo dia é a mesma coisa! O Turista sempre se atrasa! Desta vez eu não vou esperar – reclamava Band-Aid, inconformado, depois de olhar para o relógio na portaria, enquanto ajeitava cadernos e livros na mochila.

– Deve estar preparando o tal sanduíche “múltiplo”! – apostou Contra.

A escola ficava perto. Todos estudavam na mesma sala: Ri, Contra, Treze, Turista e Band-Aid. Os cinco estavam no mesmo ano e período. Estudar na mesma sala com Turista era um sofrimento para Band-Aid; já não bastasse isso, aquele se sentava ao lado deste, na cola deste, no sentido mais reprovável do termo.

Todas as manhãs, na ida para a escola, o ponto de encontro deles era na portaria do condomínio. Lupicínio os acompanhava até o portão da escola, localizada no quarteirão detrás do prédio – era perto, cerca de dez minutos a pé; talvez nem isso, dependia dos percalços pelo caminho. Iam juntos, todos os dias, mesmo com Turista chegando atrasado; aí tratavam de apertar o passo.

E não tinha jeito, Turista sempre chegava atrasado à portaria. Atrasava porque gostava de dormir, porque levantava da cama no último minuto dos acréscimos da soneca do despertador; porque demorava para montar o tal sanduíche múltiplo; porque, quando estava na metade da descida da escadaria do prédio, se lembrava de alguma coisa da aula que tinha esquecido e voltava correndo para pegar; e porque nunca achava no lugar o que tinha que levar para a escola, e perdia muito tempo procurando no meio das roupas amontoadas,

embaixo da cama, sob a toalha molhada que ficava jogada no chão depois do banho. Atrasava todo dia porque tinha medo de elevador e só usava a escada; e porque, gordo como era, descer pela escadaria era um suplício, mas que ele preferia sofrer a entrar num elevador, pois tinha pavor do elevador não parar de descer, como uma vez lhe acontecera, e só foi parar, de ponta-cabeça, no outro lado do planeta. Elevador, nunca mais!... Por isso, e por outros motivos impublicáveis, todos os dias ele se atrasava para ir à escola, descendo correndo pela escadaria todos os doze andares, devorando o sanduíche múltiplo, receita sua, que basicamente era juntar, bastante, muito, tudo o que encontrava de frios na geladeira entre duas fatias de pão de forma, lambuzadas de maionese e mostarda; ele adorava mostarda e maionese. Band-Aid não podia ver isso que ficava enjoado.